

LITERATURA MEDIEVAL

Volume IV

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

© 1993, **EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Maio de 1993
Depósito Legal: 63841/93
ISBN: 972-8081-07-3

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMÓS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: 347 82 55

Crónica do Imperador Clarimundo: Predestinação, Aventura e Glória do Herói Medieval na Origem do Reino Português

Rosário Santana Paixão

Universidade Nova de Lisboa

O texto escolhido para esta reflexão, *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros¹, embora escrito em pleno sec. XVI (terá sido impresso pela primeira vez em Coimbra em 1522)², mergulha as suas raízes num imaginário notoriamente medieval, ao nível dos temas e motivos escolhidos, inserindo-se na tradição da literatura cavaleiresca herdada dos séculos anteriores.

À semelhança do que acontece no resto da Península Ibérica, também em Portugal se assiste, nesta época, a um florescente interesse por este tipo de literatura, que se destacou, durante a Idade Média, a um nível europeu e que, na Península, como é sabido, teve como ponto de referência, por excelência, o célebre *Amadis de Gaula*, «obra capital en los anales de la ficción humana»³ segundo Menendez Pelayo. Vários são os estudos que nos dão conta deste fenómeno de revitalização, renascimento, da matéria cavaleiresca na Península e mesmo na Europa. Felicidad Buendita, num estudo sobre três obras peninsulares fundamentais difundidas no séc. XVI («El Caballero Cifar», «Amadis de Gaula» e «Tirant el Blanco»), chama a atenção para o facto de que: «Esta forma de arte literária se afirma de repente con una fuerza irresistible en el siglo XVI en nuestra Península. Seduce todas las imaginaciones, se propaga de manera prodigiosa hasta el punto que de 1508, fecha del *Amadis de Montalvo*, hasta, aproximadamente, la septima década de este siglo, no pasa año sin que aparezca alguna novela de caballerias para saciar el gran placer de un público insaciable, pareciendo incapaces de satisfacerlo las prensas de toda España y Portugal»⁴. Mário Hernandez y Sanchez-Barba acrescentará, a este propósito: «Más de sesenta títulos, algunos de los cuales se ramifican, constituye la larga serie de libros de caballerias que se publican en España durante el siglo XVI.»⁵ «Por consiguiente las novelas de caballerías vienen a ser un autentico «renacimiento», aun cuando conservando rasgos de degeneración, de los tradicionales cantares de gesta, perpetuados por crónicas y romances, hasta iniciarse, a finales del siglo XV, para continuar hasta finales del XVI, la moda de las novelas de caballerias»⁶.

As várias novelas de cavalaria portuguesas, surgidas ao longo do sec. XVI, partilham assim com outras produções peninsulares e mesmo europeias a tradição da atmosfera medieval, onde as aventuras sucessivas são o pretexto para a afirmação individual e social do cavaleiro em busca de glória para si, para o reino e, normalmente, para a verdade da fé cristã que ele defende.

A *Crónica do Imperador Clarimundo*, embora nem sempre reconhecida como uma grande obra literária (D. Francisco de Portugal caracteriza-a como sendo flores dos primeiros anos do maior historiador português) assinala, no entanto, entre nós, de forma bastante interessante para a história literária da cultura portuguesa, este crescente interesse pela matéria cavaleiresca. É isto porque associa à tradição, ao espírito medieval dos valorosos cavaleiros sedentos de aventuras, vitoriosos sobre as forças do mal, em defesa dos grandes ideais da fé e da moral cortês, um outro aspecto: a quimera da esperança num novo reino reinventado, renascido, com origem sublime, como sublime é, por tradição, a origem e o destino do herói medieval em geral, aqui recriado em Clarimundo. Clarimundo, representando esse herói predestinado, vai-se assumindo, ao longo da narrativa, como a génese da alma portuguesa.

O espírito de aventura do herói medieval, os costumes bélicos postos ao serviço de uma causa justa, desdobram-se (por vezes até à exaustão), fantasiavam-se e ajustam-se a uma nova realidade. A uma realidade histórica, cultivada no romance medieval, substitui-se agora uma outra realidade, esta fantástica, composta pelas sucessivas glórias do cavaleiro modelo, pronúncios da gesta de um povo em expansão. Se por um lado a tradição dos costumes cavaleirescos surge desfocada, desajustada da realidade social contemporânea⁷, por outro, ela ajuda a enfatizar, com liberdade de imaginação, uma nova realidade adequada à vocação para a aventura expansionista do Portugal de 1500. Clarimundo, cujos sinais de excepção se irão acentuando ao longo do romance, fazendo da personagem um ser de eleição, como é comum nos heróis dos textos medievais, será, na parte final do romance, apresentado como antepassado directo dos reis de Portugal, avô do Conde D. Henrique, dando assim um sentido novo e único a todo o imaginário medieval da obra. Esta matéria cavaleiresca onde pontuam o maravilhoso, o fantástico, mesmo os factos sobrenaturais, temas cuja influência bretã poderá ser reconhecida, ganha novo interesse na novela de cavalaria em questão na medida em que acentua, através de Clarimundo, o carácter sobrenatural da fundação do reino de Portugal. Clarimundo será apresentado, desde o seu nascimento, envolto numa auréola de mistério, com sinais de predestinação, em que a própria Natureza se vê envolvida, assinalando a particularidade de um Ser promissor, diferente: uma enorme tempestade, envolta em escuridão, relâmpagos, acompanhada pelas águas revoltas de um mar agitado, assinala a véspera do nascimento do herói, num tempo de balanço e arrependimento dos pecados cometidos, a que se segue a luz de um novo dia «mui graciosa e rosada» que traz consigo Clarimundo, paradigma de um Novo Mundo, em que as trevas dão lugar à claridade⁸.

Este jovem traz já no peito o sinal da diferença, uma chaga vermelha na parte direita do coração⁹, diferença que lhe garante à nascença um lugar privilegiado na sociedade cavaleiresca em que se insere. Com efeito, todo o seu percurso será marcado pelo maravilhoso, pelo sobrenatural, beneficiando no seu destino de cavaleiro de «cousas que por lei de natureza se não podiam vencer»¹⁰, como sejam o acesso à «casa perfeita»¹¹ ou ainda o acesso à «sepultura encantada» no vale da «floresta encantada», prova difícilíssima que provocara a morte a todos os que tentaram subi-la¹². Clarimundo alcançará ainda a «Arca da sabedoria», onde se encontra a cabeça em ouro do imperador da Grécia, vencendo estátuas gigantes que agem em defesa do tesouro, podendo também testemunhar o discurso esclarecido da cabeça do imperador que inexplicavelmente começa a falar¹³. Superará também as dificuldades do castelo encantado, na companhia do sábio/ mágico Fánimor.

Todas estas empresas impossíveis, esta dimensão fantástica, ao mesmo tempo que reafirmam a importância das influências estrangeiras, e assinalam o culminar de uma longa tradição cavaleiresca, elevam o herói a um estatuto sobrenatural, sempre capaz de vencer o inimigo, tornando-se a narrativa um jogo de opostos, onde forças bipolares, equivalentes, se degladiam numa luta marcada pela predestinação do herói.

Clarimundo, deambulando na defesa da justiça e da fé cristã, une na mesma verdade Oriente e Ocidente, defendendo, pela sua valentia e poder, Constantinopla dos turcos, acto simbólico da afirmação de uma unidade ideal. Aliás, Martin Riquer, num estudo da novela de cavalaria *Tirante El Blanco*, difundida ainda no séc. XV e cujo herói várias semelhanças apresenta com Clarimundo, refere, precisamente, a importância do tópico da defesa de Constantinopla: «salvar a Constantinopla de los turcos era, es bien cierto, un viejo tópico literario, y despues de la caída de Constantinopla lo seguirá siendo... Nuestro novelista... se propone halagar las ilusiones de sus lectores con la figura de un perfecto caballero que derrotará a los turcos a las puertas de Constantinopla y los arrojará para siempre de las fronteras del Império»¹⁴. Curiosamente, a sucessão de glórias alcançadas pelo nosso herói serão, aqui, condensadas e canalizadas para a premunção de feitos gloriosos levados a cabo no futuro pelos seus descendentes: os reis portugueses.

Um sábio, investido de poderes mágicos, Fanimor, Ser fantástico, mediador entre as dimensões terrestre e divina, mostra a Clarimundo, num castelo perto de Lisboa, os feitos que

a sua futura descendência levará a cabo: «- Senhor Clarimundo, disse Fanimor, não sem causa tendes amor a esta terra, pois tanta parte as vossas cousas nela hão-de ter.»¹⁵... «e começarei a cantar das obras de vosso neto até onde Deus quizer»¹⁶... «O tu imensa e sacra verdade/... infunde em mim graça para dizer/ As obras tão grandes que hão-de fazer/ os reis portugueses em sua bondade»¹⁷; «Senhor Clarimundo, já agora em alguma maneira ficareis contente, pois de vós hão-de proceder aqueles que todas estas cousas, somente com o seu nome, terão sujeitas, e em sua vida com tanta glória»¹⁸.

Entre essas «cousas» sobressai a empresa expansionista: «E aquele grã Cabo da Boa Esperança/ Que tanta terra esconde ao Mundo/ Virá mui alegre com rosto jocundo/ A lhe obedecer sem alguma tardança.»¹⁹. Como vemos tudo no texto se conjuga no sentido de crescer não só a glória do herói medieval mas também, e principalmente a de Portugal ao qual ele aparece explicitamente associado. Os ideais cavaleirescos surgem agora humanizados na figura do «Pai» de uma futura geração de conquistadores.

Clarimundo, que é também o amante resguardado num amor secreto e sempre fiel a Clarinda, representa o modelo do herói medieval por excelência, instaurando um novo ciclo através de um filho legado ao Mundo, símbolo dessa nova geração de elite. Mediador entre o Céu e a Terra, entre o Oriente e o Ocidente, o Bem e o Mal, deambulando em aventuras, sempre vitorioso em nome da fé cristã que representa, Clarimundo assume-se aqui como raiz, promessa legítima de um Portugal conquistador, idealmente perfeito, centralizador de um novo mundo e instaurador de uma nova ordem.

A Crónica do Imperador Clarimundo surge-nos assim como um texto híbrido, de transição. Se por um lado dá continuidade à matéria cavaleiresca, por outro é já uma manifestação literária de ideais renascentistas. Deixando-se contaminar pelas crónicas que a precederam, assume-se ainda como novela biográfica: Clarimundo está sempre presente, centralizando, desde o seu nascimento, toda a acção. Consideramo-la uma obra complexa, inserida num contexto literário peninsular e mesmo europeu bastante rico e com uma longa tradição. O facto de ter sido escrita na juventude de João de Barros não pode, nem deve, servir de apoio para minimizar a sua importância. Sendo a expressão individual de temas bastante difundidos na época em toda a Europa, ela revela uma grande coerência a nível estrutural e uma sensibilidade nova a dados importantes da cultura portuguesa de então, reconhecidos ainda hoje como importantes: o desejo de afirmação de um povo sempre projectado no além, no futuro promissor. Por tudo isto deverá ser considerada, pensamos, como uma obra de destaque no panorama literário da cultura portuguesa.

Notas

¹ Cf. Barros, João de, *Crónica do Imperador Clariundo*, vols. I, II, III, Ed. Sá da Costa, Lisboa, 1953.

² Cf. Thomas, Henry, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry*, Cambridge, 1920, p. 139.

³ Cf. Pelayo, Menendez, *Origenes de la novela*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1961.

⁴ Cf. *Libros de Caballerias Españoles* (El Caballero Cifar, Amadis de Gaula, Tirante El Blanco) Estudio preliminar, selection y notas por Felicidad Buendita, Ed. Aguilar, S.A., Madrid, 1954, p. 30.

⁵ Cf. Hernandez y Sanchez-Barba, Mário, *La influencia de los libros de caballerias sobre el conquistador*, in *Estudios Americanos*, revista de la escuela de estudios hispano-americanos, Sevilha, vol. XIX, nº 102, (Mayo-Junio 1960), p. 241.

⁶ *Ibid.* pp. 238, 239.

⁷ Cf. Mattoso, José, *Cavaleiros andantes, cavaleiros portugueses no ocidente europeu*, separata de *Presença de Portugal no Mundo* (actas do colóquio), Lisboa, 1982, p. 51.

⁸ Barros, João, *op. cit.*, vol. I, pp. 68 e seg.

⁹ *Ibid.* p. 70.

¹⁰ Ibid. p. 280.

¹¹ Ibid. vol. II, p. 324.

¹² Ibid. p. 202 e seg.

¹³ Ibid. p. 206 e seg.

¹⁴ Cf. Martorell, Joanot, *Tirante El Blanco*, Edición, introducción y notas de Martín Riquer, Ed. Planeta, Madrid, 1990, p. 38.

¹⁵ Barros, João, *op. cit.*, vol. III, p. 90.

¹⁶ Ibid. p. 91.

¹⁷ Ibid. p. 92.

¹⁸ Ibid. p. 112.

¹⁹ Ibid. p. 105.